

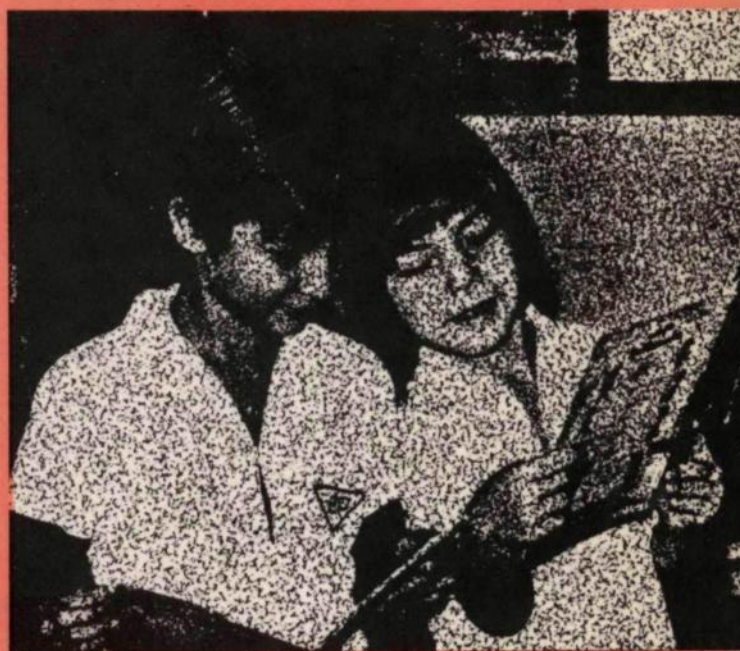
CIBEC/INEP



B0000173

kepler

a criança de 6 e 7 anos na 1ª série



F
159.922.74
K38c
Ex.2

INTER

Série **MATERIAIS PARA EXPERIMENTAÇÃO**

Publicados

1. **Avaliação do rendimento escolar**
Sérvula de Souza Paixão
2. **Divisão**
Lúcia Maria Joppert de Moura Carvalho
3. **Trabalho independente**
Sarah Lerner Sadcovitz
4. **Excursões educativas**
Letícia Maria Santos de Faria
5. **Transamazônica**
Luci Carriço Ramos
6. **Primeiro cantinho de leitura**
Célia Tarnapolsky
7. **Diagnóstico de dificuldades na aprendizagem da leitura**
Wanda Rollin Pinheiro Lopes
8. **O medo, o lar e a escola**
. Generice Albertina Vieira
9. **Uma experiência de team-teaching**
Nise Maria L. B. Magalhães
Martha Albuquerque
10. **A criança de 6 e 7 anos na V série**
Se/ene Ribeiro Kepler

A sair

11. **Banco do estudante, método de projetos**
Léa Cutz Caudenzi
12. **O ar, um projeto de ciência**
Ge/sa de Moura Abdon
13. **Dramatização didática**
Letícia Maria Santos de Faria
14. **Caminhos para o ensino da leitura**
Lúcia Marques Pinheiro

Fotos: Gentileza da Escola Christiano Hamann da rede oficial do Estado da **Guanabara**.

**A CRIANÇA
DE 6 E 7 ANOS
NA 1ª SÉRIE**

FICHA CATALOGRÁFICA

K38	Kepler, Selene Ribeiro. A criança de 6 e 7 anos na 1ª série. Rio de Janeiro, CBPE, 1974. 42 p. il. (Materiais para experimentação, 10). Bibliografia: p. 18. 1. Psicologia da criança, Idade escolar. I. Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, Rio de Janeiro. II. Título. III. Série. CDD 155.424 CDU 37.062.1-053.4
-----	--

**Selene
Ribeiro
Kepler**

**A CRIANÇA
DE 6 E 7 ANOS
NA V SÉRIE**

**MEC
INEP
CBPE
Rio de Janeiro, GB
1974**

INSTITUTO NACIONAL DE
ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS

Diretor Ayrton de Carvalho Mattos

CENTRO BRASILEIRO DE
PESQUISAS EDUCACIONAIS

Diretora Elza Rodrigues Martins

COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E
PESQUISAS EDUCACIONAIS

Responsável Lúcia Marques Pinheiro

COORDENAÇÃO DE PUBLICAÇÕES,
DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÕES

Responsável Regina Helena Tavares

UNIDADE DE PUBLICAÇÕES

Responsável Jader de Medeiros Britto

Série MATERIAIS PARA EXPERIMENTAÇÃO

Coordenação Elza Nascimento Alves

Assessoria e diagramação Generice Albertina Vieira

Capa Anna-Beli Honório de Mello

Fotografia Armando Neves Júnior

Revisão Walter Maia de Almeida

Rua Voluntários da Pátria, 107 - ZC 02 20.000
Rio de Janeiro, GB - Brasil.

SUMÁRIO

Apresentação	7
Conversando com a professora	9
A entrada na escola	11
Conhecendo a criança	13
A criança e o grupo	15
• delação	
• brincadeira de imitação	
• exibicionismo	
• jogos coletivos	
A importância do grupo	19
Desenvolvendo o pensamento	21
Problemas de adaptação escolar	27
• dificuldades no rendimento escolar	
• dificuldades de comportamento	
Como ensinar	33
• importância da motivação	
• ensino tradicional versus ensino moderno	
Influência da personalidade da professora	37
Referências	41

Apresentação

Este folheto compõe a série "Materiais para Experimentação", relacionada ao Projeto que o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais está desenvolvendo com o objetivo de oferecer aos Estados e Territórios bases para a elaboração de currículos e programas da escola fundamental.

Entre os trabalhos realizados para embasamento do Projeto constou um levantamento, em amostragem, da opinião do professorado sobre:

- forma de apresentação do programa
- tipos de orientação aconselháveis
- materiais auxiliares desejados

A série "Materiais para Experimentação" constitui, tanto quanto possível, uma tentativa de resposta ao pronunciamento dos professores sobre materiais de apoio, sentidos como necessários para implementação das primeiras séries do Ensino de 1.º Grau.

Pretende-se, com esta série, levar ao conhecimento do professor experiências bem sucedidas de outros professores, bem como orientação sobre aspectos relevantes do processo ensino-aprendizagem, com base nos resultados obtidos ou observados pelos autores em suas atividades profissionais, ligadas direta ou indiretamente à prática docente.

Objetiva-se, ainda, testar a eficácia do tipo de comunicação escolhido para chegar ao professorado: pequenos folhetos, escritos em linguagem simples e direta, em que princípios e conceitos básicos de educação são muito mais inferidos pelo leitor do que apresentados sob qualquer forma de sistematização teórica.

Trata-se, naturalmente, de materiais que o INEP pretende submeter à experimentação controlada, a fim de obter evidências sobre:

- receptividade do professor
- adequação do conteúdo, forma e extensão da mensagem transmitida, entre professores de diferentes níveis de formação nas várias regiões do País.
- eficiência do material como elemento de motivação do professor e instrumento para operacionalização da Reforma do Ensino de 1.º Grau.

A edição desta Série está a cargo da Unidade de Publicações do INEP.

O presente folheto é de autoria de Selene Ribeiro Kepler, psicóloga, desenvolvendo atividades de clínica infantil e de adolescentes, além de trabalhos ligados ao ajustamento psicológico e funcional de empregados da Empresa Furnas Centrais Elétricas S.A. Anteriormente, foi professora primária na Escola Guatemala, tendo ainda exercido função tecnicopedagógica na Seção de Psicologia e Ortofrenia do Instituto de Pesquisas Educacionais da Secretaria de Educação e Cultura do Estado da Guanabara.

Elza Nascimento Alves
Coordenadora da Série

Conversando com a Professora

Quem é essa criança que transpõe pela primeira vez os portões de uma escola? O que sente ela nesse momento? O que pensa?

Se sua mãe não a trouxesse pela mão, ela pediria espontaneamente para vir ou preferiria continuar em casa brincando?

Será que essa criança tem vontade de aprender? E será que eu, professora de 1.º série, vou conseguir despertar seu interesse para o novo mundo que se abre à sua frente?

Saberei compreender e amar essa criança como necessita?

Essas e outras indagações ocorrem à professora de 1.^a série, ao ver enfileiradas à sua frente aquelas trinta e tantas crianças, fitando-a com expressões que vão desde o receio e a dúvida até a curiosidade.

Só se pode amar o que se compreende. E só se compreende o que se conhece. Portanto, professora, para você compreender e amar essa criança que lhe confiaram, é preciso, antes de mais nada, conhecê-la da melhor forma possível.

Foi com este objetivo que escrevemos o presente folheto, simples e despretensioso, porém fundamentado no desejo sincero de poder ser útil a quem é atribuído tão alto grau de responsabilidade.

A professora de 1.^a série é o tijolo inicial de uma construção que se projetará para o futuro com firmeza, a partir dos alicerces fundados.

Através de nossa experiência de educadora e também de clínica psicológica, pudemos, cada vez com maior intensidade e certeza, perceber a importância do 1.º ano de vida de escola na formação de uma personalidade integrada, em seus aspectos emocionais e intelectuais, e em condições positivas de adaptar-se às novas situações de vida.

Por isso, conscientes das repercussões que essas primeiras experiências assumirão para a criança, tanto no futuro próximo como distante, procuramos, através desse folheto, ajudar você, professora, a aprofundar sua consciência da dinâmica psicológica da criança e dos processos psicossociais pelos quais ela passa ao ingressar na escola. A consciência da realidade total da criança leva à conscientização da importância da forma do ensino e, conseqüentemente, da influência que a personalidade da professora exerce nessa fase.

Provavelmente não conseguiremos responder a todas as perguntas que devem aflorar à sua mente, enquanto você conduz a turma para sua primeira sala de aula.

Responder a essas perguntas não é, porém, o mais importante no momento. O mais importante é haver condições de procura das respostas.

E somente na medida em que você se propõe interagir com essas crianças de forma aberta e franca, permitindo que elas a "toquem emocionalmente", é que você poderá "tocá-las por dentro".

E na medida em que houver acolhida haverá dádiva. Se você as acolher, poderá conhecê-las e dar-lhes exatamente aquilo que *elas precisam* e não aquilo que *você acha* que elas precisam.

Que esse pequeno folheto, professora, possa ajudá-la a crescer nesse conhecimento. Que possa também situá-la melhor diante de sua grande responsabilidade, permitindo-lhe pesar acertadamente as conseqüências de cada decisão.

Que este folheto possa, enfim, concorrer para que você use sua liberdade como educadora, consciente de que só se educa, *efetivamente*, educando-se para a liberdade e só se educa uma criança para a liberdade, dando-se liberdade para que ela a experimente.

Selene Ribeiro Kepler

1 A entrada na escola

Aos 6 anos abre-se à criança novo e importante período de sua existência. É o momento da entrada na escola que vai propiciar-lhe o ingresso em um segundo meio, totalmente diferente daquele em que ela viveu até então.

Longe da solicitude dos pais, a criança terá que conquistar, por esforço próprio, seu lugar ao sol. Pela primeira vez vai ser uma entre várias. Pela primeira vez um adulto estranho ao quadro familiar vai desempenhar papel de primeiro plano em sua vida. Tendo vivido até então no meio social relativamente restrito da família, onde era o centro das atenções, vê-se subitamente lançada em outro meio, onde as manifestações de sedução e afeição, tão eficazes em casa, não surtem o efeito desejado.

Escola
Christiano Hamann,
Rio - GB



Há verdadeira ruptura em sua vida emocional, ao transpor a porta da escola, e essa ruptura nem sempre ocorre sem choques.

A entrada na escola significa também a descoberta de nova maneira de perceber o mundo, diferente do "ver e tocar" que eram as formas que a criança utilizava até então para compreender o meio ambiente.

A criança volta-se, então, com avidez para o mundo exterior. A escola e o ensino vêm no momento exato responder-lhe à curiosidade, à necessidade de realização, ao desejo de ser grande. Por seu intermédio ela vai travar conhecimento com o trabalho, que se torna fonte de alegria e de orgulho, surgindo então uma primeira forma de responsabilidade. Porém, a contribuição mais importante da entrada na escola, para a criança nessa idade, é o descobrimento da vida social. É quando a criança passa a fazer parte de um grupo, em que será, em possibilidades físicas e mentais, semelhante aos companheiros. Vai-lhe ser dada oportunidade de ela própria estabelecer relações de amizade. E é justamente aí, no seio do grupo, que o egocentrismo infantil vai experimentar os maiores malogros, criando condições para que desabrochem os sentimentos de cooperação, básicos para o desenvolvimento harmonioso de sua personalidade.

2 Conhecendo a criança

A criança aos 6 anos é muito agitada e tende aos extremos. É contraditória, sente dificuldade em escolher, em tomar decisões e sua conduta oscila freqüentemente. Chora e ri alternadamente, exprime amor e aborrecimento peia mesma pessoa e sente prazer tanto em satisfazer o adulto como em decepcioná-lo. Faz lembrar esses dias de abril nos quais não se sabe que tempo faz. Sente ansiedade pelas novas tarefas, quer fazer tudo e fazer muito, não se incomodando em interromper algo para reiniciar outra atividade, sem preocupar-se em terminar o que inicia. Daí a importância das tarefas diversificadas e curtas na 1.^a série. O breve intervalo entre uma atividade e outra evita problemas de disciplina.

Ela costuma morder lápis e dedos e põe-se de pé freqüentemente, o que é a expressão natural de quem está aprendendo coisa nova.

Jardim de Infância Campos Salles, Rio - GB



Cansa-se muito rapidamente, por dificuldade de adaptação, e as ausências são constantes, chegando mesmo a desinteressar-se pela escola, quando não se sente integrada no grupo. Porém, à medida que a vida em grupo evolui harmoniosamente, seu interesse aumenta. Tem interesse por pintura, modelagem, música, construção com blocos, necessitando de ajuda para planejar o que deve fazer, mas não tolerando a intervenção direta da professora.

É conveniente que a professora de 1.^a série encare as ebulições da criança de 6 anos como sintomas de um processo de crescimento, carente de direção hábil, procurando criar em sala de aula uma atmosfera de tolerância e segurança, a fim de que esse crescimento se processe sem maiores problemas.

Passada esta breve fase, novos progressos aparecem. Aí, então, a criança consegue controlar melhor suas reações impulsivas e, já aos 7 anos, não faz cenas de conflitos com os adultos ou com os colegas. Ao invés disso, deixa precipitadamente o lugar para ir chorar em um canto e envergonha-se, se for surpreendida nessa situação.

Muito mais tranqüila e calada do que aos 6 anos, revela o emergir de uma nova dimensão psíquica: a interioridade, o "eu a olhar-se". De agora em diante, o mundo exterior e o mundo interior não estão mais no mesmo plano. Não é raro encontrar-se a criança de 7 anos distraída ou sonhadora, com ar melancólico, tendo segredos que não conta a ninguém. Apesar da atividade exterior ser transbordante, a criança sente necessidade de isolamento, de refúgio em lugar tranqüilo. É a fase do fundo do quintal, do sótão silencioso, da árvore predileta, lugares onde o adulto não a incomoda. É a idade em que a criança precisa ser constantemente advertida e chamada "porque está longe", o que não deve constituir motivo de preocupação para a professora, pois tal distração é natural aos 7 anos.

Consciente das particularidades específicas que marcam uma e outra idade, a professora terá condições de melhor compreender o seu grupo de alunos.

3 A criança e o grupo

Logo que chega à escola a criança ainda prefere brincar sozinha, as interações ocorrem apenas ocasionalmente.

Com o decorrer das aulas, passado algum tempo, ela já trabalha em associação, tendendo espontaneamente a agrupar-se e exprimindo o desejo de brincar e trabalhar junto com os colegas.

Aos poucos, vai compreendendo que não é o centro do universo e mede melhor a distância que a separa do adulto. Refugia-se então junto aos companheiros, entre os quais encontra bem raras ocasiões de mostrar-se grande e ser aceita como tal.

Jardim de Infância
Campos Salles,
Rio - GB



Esse desenvolvimento social da criança vai atravessando fases caracterizadas por condutas específicas e **naturais**, tais como:

Delação

D. Lúcia, Maurício está desenhando e não está fazendo o trabalho! Normalmente, a professora da 1.^a série ouve frases semelhantes a esta várias vezes durante o período de classe.

Sentindo-se ainda perdida na massa dos colegas e pouco solicitada, a criança sente-se mais segura, "estando bem" com a professora.

Sendo ainda o adulto, no momento da entrada na escola, o eixo do grupo infantil, a professora é expressão da solidariedade da classe e é comum as crianças comentarem:

Nós é que temos a melhor professora! Nossa professora é a mais bonita!

O prestígio e a autoridade da professora dominam predominantemente a vida coletiva aos 6 e 7 anos.

No começo da escolaridade cada criança está, de algum modo, do "lado do mestre" e desejosa de satisfazê-lo; por isso é natural o "mexericar" que os pequenos praticam largamente.

Só a partir dos 8 anos, a delação regride em proveito da lealdade ao grupo.

Brincadeiras de imitação

Ao mesmo tempo que necessita de "estar do lado" da professora, a vida em grupo começa a exercer atração sobre a criança.

Vamos agora brincar de mamãe e filhinho! Frases assim são constantes na criança de 1.^a série. As brincadeiras de imitar os mais velhos assumem muita importância nesse primeiro grupo infantil.

Sendo muito forte o desejo de ser grande nessa fase, o qual é impedido pela presença adulta, é agora no grupo que melhor exprimirá esse desejo. O único modo de não ser "o pequeno" é procurar dominar os outros pequenos, procurando com eles imitar os mais velhos.

Exibicionismo

Agora eu digo a mamãe que não precisa mais me arrumar para a escola!

Com esse tipo de afirmativa a criança expressa o surgimento de uma tendência à independência em relação ao adulto, pois deseja cada vez mais agir por si mesma. Mas, ao mesmo tempo, manifesta tendência inversa: mostra-se dependente, procurando chamar a atenção dos companheiros pela teimosia e exibicionismo. Recorre, assim, a mil modos diferentes de tornar-se interessante e de impor-se aos companheiros.

Sendo tal comportamento consequência da necessidade de afirmação da criança, é conveniente que a professora o encare naturalmente, sem dar-lhe maior atenção, procurando canalizar esses impulsos construtivamente, utilizando-se de recursos como dramatizações, teatro de fantoches, confecção de painéis para a sala de aula.

Jogos coletivos

O aparecimento, desde os 6 anos de idade, de jogos coletivos e organizados, mostra que a colaboração se tornou possível, apesar de ser ainda imperfeita, com freqüentes conflitos e disputas.

O desejo de ser mais que os companheiros e a necessidade de auto-afirmação levam a criança a transgredir egocentricamente as regras estabelecidas, as quais, entretanto, ela faz questão sejam acatadas pelos camaradas. Cada vez que isso acontece, surgem alterações e contestações, às quais a criança reagirá com uma saída amuada: *"Assim não brinco mais!"*

Aquele que assim se exclui do brinquedo parece esperar interromper com isso a atividade do grupo, querendo mostrar aos outros quanto ele próprio é necessário. Porém, fazendo isso, vê-se também frustrado de maneira intolerável, porque tem igual necessidade dos outros. Assim, na maioria das vezes, não demora em retomar o lugar, embora se submetendo rigorosamente à decisão dos colegas. A regra do jogo torna-se, pois, a única forma que permite a afirmação individual e a conservação do grupo.

4

A importância do grupo

O grupo é primordial na vida da criança, pois é somente no grupo que ela pode fazer a experiência da reciprocidade e da solidariedade, tão essenciais a seu crescimento mental e a seu equilíbrio emocional futuro.

Através das inevitáveis desavenças é que ela aprende a afirmar e a defender seus direitos; e se começa a fazê-lo pelo amuo, pelo insulto e pela pancada, logo o fará pela discussão.

Nem tudo, porém, é teimosia e rivalidade no grupo; há também o necessário auxílio mútuo, as trocas materiais, "dá cá, toma lá", a vontade de compreender o outro sem deixar de fazer-se compreender. No grupo, a criança é alternadamente cumprimentada ou censurada pelos outros; é o herói de tal aventura ou o responsável por tal malogro coletivo.

Jardim de Infância Campos Salles, Rio - GB



A crítica dos outros leva a criança continuamente à autocrítica. Assim, ganha consciência de seu valor e, sobretudo, do valor dos outros, aceitando a igualdade natural dos membros do grupo, onde dantes não conhecia senão seu egocentrismo e a onipotência do adulto. Essas experiências sociais são muito importantes para a formação da moral infantil.

Limitando-se anteriormente aos padrões estabelecidos pelo adulto e sentindo-se, por isso, em posição inferior, agora, no grupo, a criança descobre uma forma de obrigação decorrente de acordo entre iguais e de adesão pessoal. Assim, vai de uma moral de respeito unilateral e de submissão ao adulto para uma moral de respeito mútuo, de convenção entre iguais, que se tornará futuramente alicerce básico na vida do adulto.

O grupo, como o indivíduo, tem seus problemas e o conflito é, de certa forma, uma situação normal e até positiva dentro de sua dinâmica. Os grupos que não têm conflitos e tensões são grupos sem vitalidade. Esses conflitos devem, portanto, ser encarados pela professora como decorrências naturais na dinâmica de uma classe.

É importante que a professora observe, no contexto do grupo, as atitudes básicas que surgem: aceitação, rejeição, oposição, dominância, fuga, submissão — localizando o papel social de cada criança dentro do grupo. Isso ajudará a professora a melhor manipular o grupo, uma vez que, identificados os papéis sociais de cada uma, há possibilidade de desmobilizar aqueles que estão sendo negativos à adaptação ao grupo e reforçar os positivos.

Se, por exemplo, a professora levar a turma a requisitar constantemente uma criança que rejeita o grupo, não participando das atividades, condicionada por outras vivências de rejeição em outros grupos, essa criança deixará de assumir tal papel e se integrará no grupo.

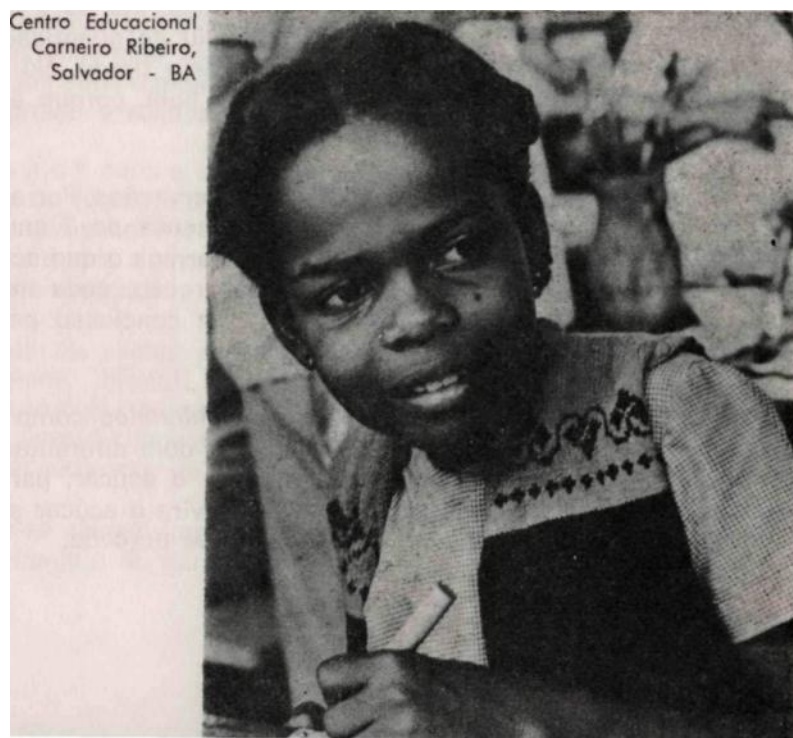
Se existir no grupo uma criança que só participa com o intuito de dominar, a professora habilmente poderá conduzir o grupo a frustrar sua intenção, escolhendo outras crianças como líderes desta ou daquela atividade.

A eleição semanal dos responsáveis pela arrumação do "Cantinho dos Livros" ou pela distribuição dos cadernos vai fazendo com que a criança dominadora arrefeça suas tendências, integrando-se melhor no grupo.

Mantendo uma atitude de plena aceitação dos mecanismos de interação do grupo, a professora irá favorecer uma harmoniosa adaptação social da criança, neutralizando os efeitos negativos das dificuldades e problemas pessoais de cada uma.

5 Desenvolvendo o pensamento

A criança de 6 e 7 anos caracteriza-se por intensa curiosidade, uma afeição voltada para o mundo exterior que, muitas vezes, coloca o adulto diante de verdadeira avalanche de perguntas. É a idade do "mas", do "entretanto" e dos "porquês", aos quais o adulto tem dificuldade em responder. Na origem desse processo está uma importante transformação na área do pensamento, que a professora deverá conhecer a fim de adaptar a sua maneira de ensinar às peculiaridades dessa fase evolutiva. O desenvolvimento social e o desenvolvimento do pensamento constituem os aspectos mais significativos desse período.



Para compreender melhor o novo estágio do pensamento da criança, teremos, antes, de compreender como funciona seu mundo mental na fase anterior, ou seja, dos 3 aos 6 anos.

Do ponto de vista da evolução do pensamento, o período anterior aos 6 anos pode ser descrito como um período de realismo egocêntrico.

O mundo, o universo circundante, é visto, pela criança, não em sua realidade própria e distinta, mas em relação ao estado pessoal do momento, aos seus desejos e temores. Ela ainda não consegue distinguir-se do mundo real e a consciência da própria individualidade ainda não foi atingida. Os acontecimentos, as coisas e as pessoas são vistos em função do mundo subjetivo da criança. Assim, um mesmo objeto com que brinca pode servir a finalidades diferentes: uma caixa pode representar um cavalo para logo em seguida ser utilizada como uma casa ou o automóvel do papai. Ignora a necessidade de coerência e objetividade em seu pensamento e manipula o mundo segundo os caprichos momentâneos de seus desejos. O meio ambiente é uma extensão daquilo que sente em si mesma.

O tipo de pensamento que se desenvolve na criança entre os 3 e 6 anos é o pensamento intuitivo. Algumas experiências realizadas nesta área nos ajudarão a compreender a natureza desse tipo de pensamento.

Quando deformamos, diante da criança, uma bola de pasta de modelagem e lhe damos formas diferentes, a criança, até os 7 anos, se convence de que a pasta aumenta ou diminuiu de quantidade, apesar de ter visto que nada foi acrescentado nem tirado. No cilindro alongado, acreditará ter menos pasta que na bola, porque aquele é mais fino que esta.

Outras experiências conduzem às mesmas observações. Por exemplo, se diluirmos, na frente de uma criança de menos de 7 anos, uma porção de açúcar num copo de água e perguntarmos o que aconteceu com o açúcar, ela dirá que o açúcar desapareceu, nada mais restando dele no copo. A criança chega a essa conclusão porque já *não vê* o açúcar que fora colocado no copo.

Nessa fase os dados da percepção são considerados como absolutos, isto é, a criança não consegue relacionar dois diferentes dados da sua percepção; assim, como não vê mais o açúcar, para ela o açúcar desapareceu, "esquecendo-se" de que viria o açúcar ser colocado no copo. A criança *pensa o que vê*, o que percebe.

Outra experiência consiste em colocar a criança diante de uma fileira de rodas azuis, alinhadas em pequenos intervalos, e pedir-lhe que tire de um monte de rodas vermelhas tantas rodas quantas forem as azuis. A criança de 4 ou 5 anos fará uma fileira de rodas vermelhas do mesmo comprimento que a fileira de azuis, sem se preocupar com o número de rodas utilizadas, nem com a correspondência, uma a uma, roda azul com roda vermelha.

Observa-se aqui que a criança julga a quantidade apenas pelo espaço ocupado pelas rodas, não conseguindo analisar as relações entre os elementos.

Aos 5 ou 6 anos a criança será capaz de colocar uma roda vermelha em frente de cada roda azul e declarar que as coleções assim constituídas são iguais. Mas, se afastarmos um pouco as rodas das extremidades da fileira de rodas vermelhas, de forma que estas não fiquem mais exatamente em frente das azuis, a criança, mesmo tendo visto que nada foi acrescentado nem subtraído, dirá que as duas coleções não são mais iguais e que a mais comprida tem maior número de rodas.

Esta última experiência mostra que a correspondência das duas fileiras é afirmada pela criança enquanto perceber uma correspondência *visual*. A igualdade não é constatada através de raciocínio lógico, como, por exemplo: se nada for adicionado nem subtraído, a coleção permanecerá com igual número de rodas, mesmo que tenha adquirido forma diferente.

É fácil verificar que a criança ainda não consegue executar uma operação racional mas apenas um simples raciocínio intuitivo, sujeito apenas aos seus dados de percepção. A criança não tem necessidade de comprovar a realidade daquilo que para nós é apenas aparência.

Entre os 6 e 8 anos a criança experimenta a transição para a fase do pensamento lógico, de tanta importância para a assimilação intelectual de novos conhecimentos e para a abertura ao mundo circundante, e mesmo distante, que agora ela começa a ver em todo seu realismo e novidade.

A entrada na escola acarreta, como já vimos, a desagregação do egocentrismo infantil, através do contato social e do contato com o mundo real das coisas. Exposta aos companheiros, a criança descobre que deverá tomá-los em consideração a sua realidade própria e não como extensão de sua vontade e desejos.

Processa-se dessa forma uma divisão no universo infantil: de um lado, o domínio do conto, da fantasia e do imaginário, onde tudo é

possível, e, do outro, o domínio do real, do concreto, onde nem tudo é possível. A criança sente tanto maior prazer em contos, histórias irreais e imaginárias quanto maior é a sua consciência de que as coisas em verdade não se passam desse modo. Assim, ao realismo egocêntrico sucede-se um realismo objetivo.

Também o pensamento se torna sensível a relações objetivas e rmais desvinculado dos dados da percepção. A criança já consegue relacionar diferentes elementos de forma coerente, abandonando gradualmente as simples afirmações baseadas no desejo e nas aparências perceptivas.

Na fase anterior, o simples desejo de receber presentes justifica a realidade de Papai Noel. Agora, embora persista o desejo, nascem preocupações com a estreiteza da chaminé e de como pode o bom velhinho visitar todas as casas da cidade numa só noite.

Comum é a cena em que o menino de 3 anos dá de comer ao seu cavalo de pau enquanto o irmãozinho rmais velho caçoa dele, achando seu comportamento ridículo. Mas a realidade é que o pequeno bem sabe que o cavalo é só de pau; dar-lhe de comer significa apenas que gostaria de ter um cavalo de verdade, e este desejo se satisfaz pelo seu ato. Já o rmais velho vê o brinquedo em sua realidade de objeto inanimado e não numa perspectiva egocêntrica dominada por desejos pessoais.

Os fenômenos são explicados, pela criança de 6 a 7 anos, cada vez menos com base em seus desejos e suas impressões perceptivas. O mundo torna-se gradualmente distinto da criança, recebendo explicações rmais objetivas que antes, embora, bem verdade, não exatos ou científicos.

Desprendendo-se progressivamente do domínio das impressões Sensoriais, a criança vai substituir o pensamento intuitivo pelo raciocínio lógico.

Retornando à experiência com a pasta de moldelagem, vimos que até então qualquer modificação na forma determina, para a criança, uma alteração de quantidade. Entre os 6 e 7 anos, contudo, a criança declara que a quantidade de massa permanece invariável, não obstante as diferentes formas a ela conferidas. Como nada foi tirado nem acrescentado à pasta, a criança raciocina que é possível fazer de novo uma bola exatamente igual à primeira e que, por esta razão, a quantidade deve ser igual.

O pensamento doravante supera a impressão sensorial do momento. A criança já é capaz de considerar, de uma só vez, momentos sucessivos de sua percepção e relacionar estes momentos de forma a construir um raciocínio.

Vimos que no estágio da intuição, o pensamento infantil sempre se baseia em um estado particular e momentâneo do objeto, conforme percebido naquele momento pela criança. Na fase seguinte, as perspectivas particulares de um mesmo objeto são integradas em um conjunto. Desta forma o mundo real ganha coerência e estabilidade. Em suma, aparecem as operações lógicas.

Deve-se ressaltar, no entanto, que, nesta fase, a lógica ainda é uma lógica concreta, ou seja, ligada à presença material dos objetos considerados. A criança ainda não é capaz de raciocinar com base em simples proposições verbais, desvinculadas da presença dos objetos aos quais se referem. Também não é uma lógica que se aplica a qualquer noção: a criança ainda dirá, por exemplo, que o cilindro de pasta de modelagem *pesa menos* que a bola porque aquele é mais fino que esta.

A aquisição do raciocínio lógico acarreta grande expansão do mundo mental e a curiosidade não conhece mais fronteiras. A criança descobre o mundo em sua riqueza e diversidade e lança-se a ele com o espírito de um descobridor.

Para a professora, estas evoluções são de extrema importância no sentido de desenvolver atividades pessoais e práticas de ensino voltadas à realidade do desenvolvimento infantil. Deverá ser dada importância à descoberta das coisas pela própria criança, através de suas próprias experiências. O apelo à atividade mental deve ser preferido à imposição pura e simples de soluções já fabricadas e prontas, porque a assimilação de novos conhecimentos somente se efetua, verdadeiramente, quando estes forem experimentados pelos alunos. A sala de aula deve ser acima de tudo um lugar de experiências, de incentivo à curiosidade e à atividade própria, capitalizando assim toda a energia e força dos desenvolvimentos que se operam no pensamento da criança nesta fase. É sábio acompanhar o curso das transformações e procurar tirar desse conhecimento o máximo proveito.

Convém acrescentar também que, sendo a lógica infantil no período de 6 a 7 anos ainda incipiente e intrinsecamente ligada aos objetos, é necessário que o ensino, nesta fase, seja feito através de materiais concretos e recursos audiovisuais, proporcionando à criança contato direto, pessoal, com as coisas sobre as quais reflete, a fim de que as noções que se lhe transmitem sejam realmente assimiladas.

6 Problemas de adaptação escolar

Os comportamentos que focalizamos até agora são naturais dentro do processo de crescimento que ocorre com a criança de 6 e 7 anos.

Quando, porém, a criança sente dificuldade de adaptação escolar, caracteriza-se por comportamento inadequado aos estímulos do ambiente escolar. Nesses casos é importante identificar as causas externas e internas e os diversos fatores que podem influir e agravar tais problemas.

As causas internas desses comportamentos estão relacionadas com as condições físicas, intelectuais e emocionais da criança. Já as causas exteriores estão ligadas às influências ambientais, familiares ou sociais.

Escola Christiano Hamann, Rio - GB



Procurando se inteirar dessas causas, a professora terá melhores condições para ajudar a criança a resolver suas dificuldades.

Dificuldades no rendimento escolar

Entre os fatores que perturbam o rendimento escolar destacam-se.

- imaturidade psicomotora;
- deficits físicos;
- condições emocionais negativas do ambiente familiar;
- dificuldades sócio-econômicas da família;
- fraca adaptação ao ambiente escolar;
- programa de ensino inadequado.

Se a imaturidade psicomotora ou deficits físicos prejudicam o rendimento da criança, exercícios psicomotores específicos para a deficiência apresentada concorrerão para que ela venha a atingir níveis melhores de maturação.

Sendo a problemática da criança de origem familiar, a professora, através de contatos com os pais, esclarecendo-os, na medida do possível, em relação às conseqüências que tais problemas acarretam, estará contribuindo para que a criança adquira condições de melhorar seu rendimento escolar.

Muitas vezes, dificuldades sócio-econômicas da família obrigam a criança a começar a trabalhar ainda muito cedo. E depois de entregar mercadorias de feira, empurrando carrinhos desde 6 horas da manhã, mal alimentada e cansada, é natural que esta criança durma em classe e tenha pouca disposição para acompanhar as explicações da professora. Conseqüentemente, seu rendimento escolar não pode ser dos melhores.

Em tais casos seria conveniente que a professora alertasse a família quanto aos prejuízos físicos e escolares que tais atividades provocam, procurando sugerir soluções melhores para o problema, tais como a utilização dos fins de semana para esses trabalhos extras. Sendo impossível para a família solucionar o problema, cabe à professora, pelo menos, não exigir mais do que a criança pode dar, a fim de evitar que fracassos sucessivos terminem por acarretar problemas de maiores repercussões.

Não estando a criança bem ajustada ao grupo de classe, é importante saber-se as razões de tal desajustamento.

Ela poderá ser muito tímida e por isso ser rejeitada pelo grupo. Se a professora propiciar-lhe condições de aparecer perante os colegas, colocando em relevo algum talento específico que possua, como recitar ou desenhar, essa criança terá condições de melhor situar-se no grupo. Sentindo-se aceita pelos colegas, sentirá maior interesse pelos estudos e seu rendimento melhorará.

É essencial que a professora saiba explorar os interesses naturais da criança nessa fase. Assim fazendo, a aprendizagem se tornará bem mais fácil e agradável para o aluno.

Sendo básico na 1.^a série o desenvolvimento da linguagem, é imprescindível que a professora ouça a criança falar. A "Hora das Novidades", momento em que cada um pode contar alguma coisa interessante que tenha-lhe ocorrido, visto ou ouvido, atende a esta necessidade da criança, ao mesmo tempo que desenvolve sua capacidade de expressão.

Dificuldades de comportamento

Indisciplina

Criança indisciplinada é aquela que não respeita a autoridade da professora, só faz o que bem entende e está sempre pronta para provocar desordem.

A professora caracteriza nitidamente a criança indisciplinada, exclamando: *Não agüento mais esta criança! Passo o tempo todo chamando sua atenção!*

Entre as diversas causas para esse tipo de comportamento, podem ser apontadas:

- falta de interesse pelas disciplinas escolares
- inadaptação aos métodos e técnicas pedagógicas
- deficiências dos programas escolares
- más condições de saúde
- necessidade de agredir o meio ambiente e a professora.

A criança indisciplinada é bastante insegura afetivamente, tendo, por isso, muita necessidade de chamar a atenção dos outros, mesmo que seja de forma negativa. Com uma disciplina baseada no afeto e não na hostilidade, respeitando-se a personalidade da criança e impondo uma autoridade e controle adequados, sem excessos, essa criança irá aos poucos sentindo-se estimada e conseqüentemente mais segura.

Satisfeita em sua necessidade de afeto, essa criança não precisará mais chamar atenção sobre si por meio de desordens e rebeldia.

Agressividade

A criança agressiva é uma criança insatisfeita. Talvez tenha pais muito rígidos, talvez sinta falta de carinho, enfim, a agressividade é sempre gerada por alguma frustração.

Conversando com a criança, a professora poderá localizar a causa dessa frustração, ficando então em condições de amenizar os seus efeitos.

É importante lembrar aqui que a agressividade é força positiva que pode ser aproveitada quando bem canalizada, pois responde pela auto-afirmação do indivíduo.

O aluno agressivo não deve ser bloqueado na sua forma de expressão e sim *bem orientado*.

Agressividade gera agressividade. *Falando brandamente*, a professora neutralizará os impulsos pouco controlados dessa criança.

Atividades movimentadas, que permitam a auto-expressão, tais como música, modelagem, dramatização e jogos são formas construtivas de canalizar a agressividade, além de propiciar à criança oportunidade de auto-afirmação, essenciais para que ela se sinta satisfeita consigo mesma.

Instabilidade

Criança instável é a criança inquieta, que oscila entre a Imperatividade e a inércia, entre a alegria transbordante e a mais profunda tristeza. A professora nunca sabe ao certo como ela se comportará na próxima aula. Seu rendimento escolar tem altos e baixos e seus interesses mudam a cada momento.

A primeira preocupação da professora, em tais casos, deve ser verificar se esse comportamento é temporário ou permanente. Sendo ligado a situações momentâneas, decorrentes de circunstâncias atuais da vida da criança, o mais conveniente é que a professora procure aliviar suas tensões, solicitando-a constantemente para que participe das atividades de classe, dando-lhe responsabilidades especiais nos jogos e rotinas diárias. Sentindo-se mais atuante, seu interesse pela

vida de classe aumentará e, aos poucos, sua instabilidade irá desaparecendo.

Se essas oscilações de comportamento forem permanentes devem estar ligadas a problemas de imaturidade geral, necessitando então de atendimento específico, para o qual a professora deverá encaminhar a criança.

Mentira

Esse é um dos problemas que mais preocupa pais e professores.

A criança mente quando se sente insatisfeita no contato com a realidade, fugindo então para um mundo de fantasia onde tudo se passa de acordo com seus desejos.

Procurando fazer com que essa criança descubra em seu meio ambiente, tanto em casa como na escola, coisas boas e agradáveis, a professora irá, aos poucos, fazendo com que ela perca o hábito de se refugiar em fantasias para compensar uma realidade que não a satisfaz.

Se no ambiente familiar ou escolar ela ouve mentiras, mente por imitação. Daí a importância do exemplo da professora que deve ser sempre autêntica, não prometendo aquilo que não possa cumprir, nem enganando a criança quando ela lhe fizer perguntas.

A criança mente também quando se sente insegura, por ter feito algo que o adulto condena, temendo, por isso, não ser mais aceita nem querida. Nesses momentos, a compreensão e a aceitação da professora serão primordiais para que a criança se sinta menos ansiosa. Sabendo que, pelo menos alguém está do "seu lado", mesmo quando erra, ela não precisará mentir para se defender do sentimento de menos valia.

A professora, em geral, deve dar à criança mentirosa provas de equidade e de apoio e, sobretudo, conhecendo os mecanismos utilizados, evitar colocar essa criança em situação embaraçosa, acusando-a injustamente.

7 Como ensinar?

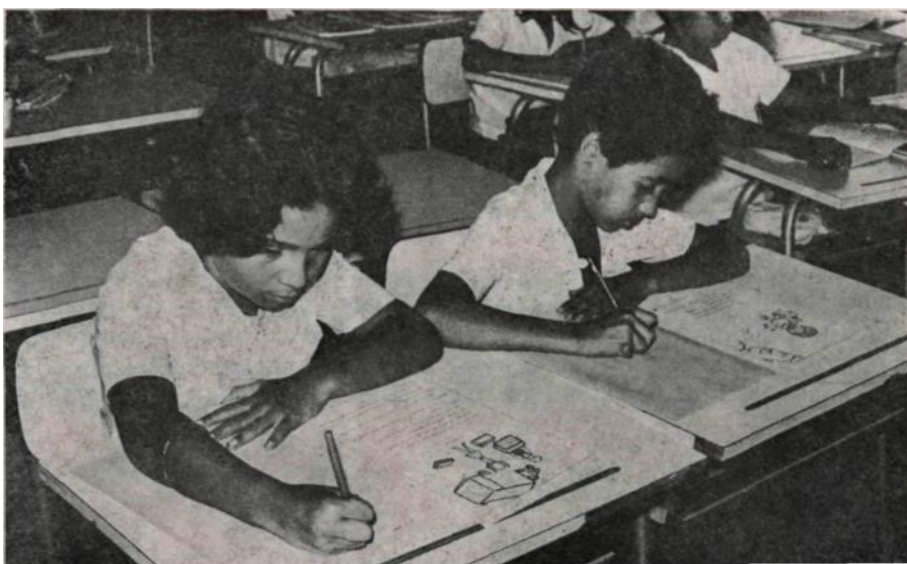
A importância da motivação

Saber ensinar consiste, sobretudo, em fazer com que o aluno realize uma aprendizagem.

Aprendizagem é, em geral, definida como sendo o processo de integração e de adaptação do ser humano ao seu ambiente.

Toda aprendizagem implica aquisição de novas formas de sentir, pensar e agir ou modificação de antigas formas de sentir, pensar e agir. Se não houve qualquer mudança, seja no sentido de um enriquecimento ou de uma reformulação, não ocorreu uma aprendizagem efetiva. Porém, só aprendemos, realmente, quando sentimos necessidade de aprender, quando percebemos como significativa a nova situação que se nos apresenta.

Escola «Christiano» Hamann, Rio - GB



Só aprendemos quando estamos motivados. Qualquer aprendizagem só se efetua a partir da existência de dois componentes dinâmicos: um externo, representado pela nova situação e outro interno, expressado pela motivação.

Daí a importância fundamental da motivação no processo educacional. E, mais ainda, a importância da conscientização, pela professora, desse pressuposto básico da Psicologia da Aprendizagem, procurando despertar em seus alunos o interesse pelo assunto a ser estudado, criando neles a necessidade de assimilar o novo conhecimento ou de adquirir o novo hábito. Como existem diferenças individuais e conseqüentemente diferentes necessidades conduzindo a diferentes motivações, isto não é tarefa fácil, pois o mesmo assunto pode despertar interesses diversos em intensidade e natureza. Este fato implicaria a adaptação da professora a cada aluno, o que, para muitas, parece impossível, em virtude do número de crianças de cada turma.

Existem, porém, métodos de ensino ativo que permitem resolver esse problema, como a discussão ou o debate. A professora lança o problema e os alunos dão sua opinião a respeito; crianças de 6 e 7 anos já têm suas próprias opiniões, as quais estão sempre ligadas às vivências individuais.

Outra forma é deixar que cada aluno ou grupo de alunos escolha um aspecto do assunto para desenvolver. Aí, então, através da atividade pessoal de cada criança, os diferentes motivos emergem, propiciando, à professora, condições de localizar as diferenças motivacionais de seus alunos, canalizando-as positivamente no ensino, o que tornará a aprendizagem mais eficiente.

O ambiente físico da sala de aula também influi na motivação da criança para a vida em classe. Uma sala bem arrumada, com painéis coloridos, cartazes interessantes, relacionados com as atividades em desenvolvimento, cantinho para os livros e jogos, encanta qualquer criança e a predispõe positivamente para as atividades de aula.

Ensino tradicional versus Ensino moderno

Conforme demonstraram as experiências do psicólogo e pesquisador Piaget, sobre o desenvolvimento mental da criança, é por assimilação de esquemas em novas estruturas mentais que se efetua o processo de aprendizagem; qualquer "coisa nova" que se aprende, só pode ser assimilada se existir uma base de conhecimentos suficiente

para isso, ou seja, a partir de elementos adquiridos e assimilados anteriormente.

Portanto, as operações lógicas formais só se estruturam a partir de operações idênticas no plano concreto; fazer adições está condicionado à assimilação anterior, no plano concreto, do ato de acrescentar; dividir pressupõe a ação de separar.

Educar é, antes de tudo, ajudar a criança a desenvolver suas potencialidades, a fim de integrá-la na comunidade da maneira mais completa possível.

Para que a professora atinja esse objetivo é fundamental que leve cada aluno a descobrir por si mesmo as diferentes realidades (lingüísticas, matemáticas, históricas e geográficas), através de processos de educação ativa — observação direta, exercícios práticos, discussão em grupo, desenhos, excursões, visitas, jogos, pesquisa pessoal, experiências em grupo.

Aproximar o ensino da vida — eis a premissa da educação moderna. Não somente através de ensino verbal, mas, principalmente e acima de tudo, procurando guiar, orientar, estimular, descobrir e canalizar os interesses dos alunos. Com este objetivo utilizará, principalmente, material colhido pelas crianças (plantas, animais, rochas, cartões-postais, cubos, encaixes, fotografias etc), dedicando a maior parte do tempo de aula a exercícios práticos e a pesquisas em grupo.

Como a tarefa da professora não é a de pensar e falar por seus alunos, mas fazê-los falar e pensar por si próprios, é natural encontrar-se a professora moderna no meio de seus alunos, sentada ao lado deles, orientando um e outro grupo de trabalho, ao invés de conservar-se à sua mesa, afastada das crianças.

O ensino apenas verbal está completamente desligado da realidade da vida.

A criança não é uma simples "tabula rasa" onde se pode gravar. A professora moderna sabe que, durante uma explanação verbal, grande parte do que diz será logo esquecido e, em muitos casos, nem é ouvido, em virtude das flutuações de atenção dos alunos, além de cansar rapidamente a criança. Ela aprende melhor fazendo do que ouvindo.

Enquanto a professora tradicional faz somente uso da palavra, limitando-se a falar e a perguntar, a professora moderna pode ser comparada a um jardineiro que está preocupado em fazer crescer as suas plantas, dando-lhes condições e elementos necessários ao seu desenvolvimento.

8 A influencia da personalidade da professora

É grande a responsabilidade da professora de 1.^a série como elemento ativo no desabrochar da sociabilidade infantil. Sua capacidade de aceitação, compreendendo os problemas que a entrada na escola provocam na criança, ajudam-na a superar suas dificuldades para se situar no grupo e afirmar-se sobre seus próprios valores.

É somente mantendo um relacionamento satisfatório com os colegas e com a professora que a criança terá condições para apresentar bom rendimento escolar.

A criança de 1.^a série costuma ter muito orgulho de sua professora, gostando de elogiá-la para as outras crianças da escola. Por isso, é realmente importante que a professora procure apresentar-se de maneira agradável e cuidada perante seus alunos.

Escola Christiano Hamann, Rio-GB



A criança pequena é muito espontânea e, portanto, bastante autêntica em sua crítica. Além disso, a professora é vista pela criança como modelo a seguir, tornando-se, nessa fase, primordial o bom exemplo.

Por isso é indispensável que a professora tenha uma personalidade equilibrada e saiba controlar suas reações.

A impaciência, por exemplo, é atitude tipicamente prejudicial à ação pedagógica. Professoras irritadiças, que não admitem qualquer erro do aluno, explodindo logo, provocam angústia em toda a turma, inibindo as crianças.

A estabilidade emocional da professora, a coerência de suas decisões, não permitindo que problemas pessoais modifiquem sua maneira de agir, propicia à criança segurança e tranquilidade, indispensáveis ao seu equilíbrio interno.

A professora egocêntrica (não devendo confundir-se com egoísmo) é incapaz de colocar-se no lugar da criança, de compreender seus sentimentos e reações. Por esta razão empresta a elas os seus próprios sentimentos e reações, atribuindo-lhes intenções que nunca tiveram, num típico mecanismo de projeção.

Nada mais perigoso que esta atitude em educação. A professora necessita, antes de tudo, compreender cada criança, procurando as razões *reais* e não imaginárias da conduta de cada uma.

O egocentrismo da professora também pode se expressar pelo excesso do uso da linguagem; fala durante toda a aula, sem perceber que seus alunos estão cansados de ouvi-la; entusiasma-se pelo assunto que está "dando" e fica convencida de que transmitiu o seu entusiasmo à turma, quando na realidade "afogou" as crianças com palavras.

Comunicando-se com a criança espontaneamente, procurando "sentir" com ela e respeitando sua personalidade, a professora estará criando condições para que a criança desenvolva plenamente suas potencialidades, o que é fundamental para que ela adquira sentimentos de autoconfiança.

A professora dominadora, ditatorial, considera todos os alunos como autômatos, incapazes de vontade própria. Por não confiar nas potencialidades das crianças procura controlar todos os seus gestos, utilizando repreensões e castigos em alta dose. A criança, que ao in-

gressar na escola tem a pouca sorte de encontrar uma professora com esse tipo de personalidade, vai carregar pelo restante do curso sentimentos de revolta e angústia que, provavelmente, serão expressados mais tarde, através de atitudes agressivas para com professoras e colegas. Às vezes a professora dominadora expressa sua atitude ditatorial de maneira sutil; procura obter o que deseja, cultivando a dependência afetiva: "É assim que eu gosto de vocês". "Sejam bonzinhos". "Não façam isto comigo, pois do contrário, não gostarei de vocês" — são as chantagens afetivas mais frequentes nesse caso. Os alunos desse tipo de professora só se comportarão bem, enquanto ela estiver na sala. Se deixa a turma por um momento, as crianças imediatamente largam o estudo e ficam de brincadeira, que podem reverter em incidentes ou brigas, consequência da repressão contínua de sua espontaneidade.

A personalidade da professora, principalmente no primeiro ano de vida escolar, exerce influência fundamental para a escolaridade subsequente dessas crianças. Se o relacionamento é fundamentado em processos de liderança, onde a professora procura criar condições para que as crianças encontrem as soluções por si mesmas — sem impaciência, egocentrismo ou dominação — orientando os trabalhos de classe e encorajando os esforços de cada um, ela estará desenvolvendo o senso de responsabilidade, de autocontrole e respeito pelo próximo, o que não se consegue através de preleções ou discursos, mas sim pelo exemplo pessoal da atitude da professora e pela participação ativa das crianças nas atividades de classe.

Sentindo-se apoiada e compreendida pela professora, nessa fase tão importante de sua vida, a criança conseguirá enfrentar e vencer, com tranquilidade, as dificuldades naturais que então ocorrem, desenvolvendo de forma integrada suas inúmeras potencialidades, criando dessa maneira alicerces sólidos para tornar-se um adulto responsável, amadurecido, consciente de suas capacidades e limitações. Adulto que, certamente, poderá, confiante e seguro, conquistar a própria felicidade.

Referencias

- CARMICHAEL, L. *Manual of child psychology*. Nova York, John Wiley 1946.
- DEWEY, John. Vida e educação. *Atualidades Pedagógicas*, São Paulo Ed. Nacional, 1959.
- FOULQUIÉ, Paul. As escolas novas. *Atualidades Pedagógicas*, São Paulo, Ed. Nacional, 1965.
- GESELL, A. & F. Ilg. *The child from five to ten*. Nova York, Harper 1946.
- HILGARD, E. R. *Teorias da aprendizagem*. São Paulo, Herder, 1969.
- MADSEN. K. B. *Teorias de la motivación*. Buenos Aires. Paidós, 1972.
- MASLOW, A. H. *Motivación y personalidad*. Barcelona, Sagitario, 1954.
- PIAGET, J. *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. Paris, Delachaux et Niestlé Neuchatel, 1938.
- PIAGET, J. & INHELDER, B. *La genèse des structures logiques élémentaires*. Paris, Delachaux et Niestlé Neuchatel, 1959.
- ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender*. Belo Horizonte, Interlivros de Minas Gerais, 1972.
- RUDOLFER, Noemy da Silveira. Introdução à psicologia educacional. *Atualidades Pedagógicas*, São Paulo, Ed. Nacional, 1965.